Maria Teresa Leitão Brocardo
FCSH. Universidade Nova de Lisboa

As edições das crónicas de Gomes Eanes de Zurara

A actividade de Gomes Eanes de Zurara como cronista aparece documentada desde 145Ø, ano em que concluiu a *Crónica da Tomada de Ceuta*, e vai até cerca de 147Ø, tendo sido nomeado em 1453 por Afonso V guarda-mor da Torre do Tombo. Segundo grande cronista português, fica muitas vezes prejudicado nas comparações que inevitavelmente se estabelecem com o seu predecessor. Reconhece-se-lhe geralmente uma certa preocupação com a veracidade dos factos narrados, e uma atitude escrupulosa na avaliação das fontes orais de que foi obrigado, dada a matéria recente de que se ocupam as suas crónicas, a servir-se quase exclusivamente, sendo-lhe criticada sobretudo a sua visão histórica "restrita e unilateral"[1] e uma certa ostentação de erudição que, como refere Lindley Cintra[2] afecta desfavoravelmente o ritmo narrativo.

Da obra historiográfica de Zurara chegaram até nós quatro crónicas, conservadas em vários manuscritos não autógrafos, de diferentes épocas, dispersos por bibliotecas e arquivos portugueses e estrangeiros. Estas obras, de desigual valor segundo a crítica, apresentam características diferentes: duas delas, sem mani-

1 António José Saraiva e Óscar Lopes. *História da Literatura Portuguesa*. (9ªed.)Porto Editora, 1976, p.142.
2 Luís Filipe Lindley Cintra."Gomes Eanes de Zurara". *Dicionário de Literatura*. Dir. por Jacinto do Prado Coelho. (3ªed.)Porto, Figueirinhas, 1981, p.1187.

festarem a visão histórica global de Fernão Lopes, narram acontecimentos de âmbito mais geral - a *Crónica da Tomada de Ceuta* e a *Crónica da Guiné*[3] - enquanto as duas restantes são crónicas particulares - a *Crónica do Conde D.Pedro de Meneses* e a *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*[4].

No presente trabalho apresentamos em síntese as ediçoes que, desde o séc.XVII até hoje, têm vindo a ser feitas destes textos, procurando dar conta, de forma breve, dos diferentes tipos de edição realizadas, no que respeita a princípios gerais, selecção dos manuscritos, metodologia, normas de transcrição, etc. Pretendemos assim dar uma ideia de como a obra do cronista tem sido transmitida e da forma, muitas vezes desigual, como os editores dela se têm ocupado. Ocupar-nos-emos sucessivamente de cada crónica seguindo a ordem cronológica da sua redacção original, mas deixando para o fim, dados os problemas que coloca, a chamada *Crónica da Guiné*, de todas a mais frequentemente editada, estudada e discutida.

---

3 Esta crónica aparece designada nas várias ediçoes e estudos de formas diversas, como veremos. Para simplificar referimo-la aqui simplesmente como *Crónica da Guiné*.

4 A esta "divisão" pode contrapor-se a que é apresentada, por exemplo, por Larry King (Gomes Eanes de Zurara. *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*. Edição diplomática por... Lisboa. Universidade Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1978, pp.27-28) e que nos parece bastante pertinente: considera este autor uma "trilogia" composta pelas crónicas que tratam da presença portuguesa em Marrocos, cuja "homogeneidade... tem sido paradoxalmente relegada para segundo plano a favor da disjuntiva *Crónica da Guiné*".

Crónica da Tomada de Ceuta (também designada *Crónica de D.João I, III parte)*

Fernão Lopes tinha narrado os factos ocorridos durante o reinado de D.João I até 1411, data da paz assinada com Castela. Zurara, a mandado de Afonso V, retomou o relato a partir desta data, quando já se iniciavam os preparativos para a tomada de Ceuta, tratando por isso a sua crónica particularmente da conquista daquela cidade. A redacção original da obra ter-se-á iniciado em 1449 e foi concluída apenas um ano depois.

Manuscritos:

Em 1916 Esteves Pereira[5] apresenta uma relação de onze manuscritos da crónica dele conhecidos, que são os seguintes:[6]

Ms. nº368 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. De fins do séc.XV ou princípios do XVI. Com várias lacunas devidas à perda de dois cadernos e ainda, noutros casos, possivelmente à ilegibilidade ou má conservação do modelo, visto que possui numerosos espaços em branco para serem eventualmente preeenchidos posteriormente, através de confronto com outra cópia.

Ms. nº355 do mesmo Arquivo. De princípios do séc.XVI, mas posterior ao precedente. Cópia menos cuidadosa mas completa, embora, dada a irregularidade no preenchimento dos espaços correspondentes às lacunas do nº368, pareça ter tido inicialmente as mesmas falhas.

Ms. nº391 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVI. Incompleto (faltam as primeiras doze folhas).

---

5 Na Introdução à sua edição da *Crónica da Tomada de Ceuta por el Rei D.João I*, que adiante referenciaremos de forma completa, pp.I-XCV.

6 Todas as indicações são, quando não damos outra referência, as que se encontram na citada Introdução.

Ms. nº49-IX-65 da Biblioteca do Palácio da Ajuda. Do séc.XVI.

Ms.s/ nº da Livraria do Comendador José António Vieira Marques, de Braga.Do séc.XVI. Deste códice diz Dias Dinis em 1949[7] já não conhecer o paradeiro.

Ms. nº8Ø7[8] do Arquivo da Casa Cadaval, em Muge. Do séc.XVI. Esteves Pereira não viu este códice, citando-o a partir de catálogo.

Ms. nº385 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVII.

Ms. nº473 de Alcobaça (novo 317) da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVII.

Ms. E.3238 do Museu Etnológico de Lisboa. Do séc.XVII ou XVIII.

Ms. nº337 da Biblioteca Municipal do Porto. Do séc.XVIII.

Ms. C.331 da Biblioteca de Anselmo Braamcamp Freire, conservada na Biblioteca Pública de Santarém. Do séc.XVIII.

Em 1949 acrescenta Dias Dinis[9] a esta lista quatro outros manuscritos, desconhecidos de Esteves Pereira que, porém, suspeitava ou sabia, nalguns casos, da sua existência:

Ms. incluído no final do códice nº1778 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo que contém a *Crónica de D.João I* (I e II partes) de Fernão Lopes, com paginação independente. Do séc.XVII.

Ms. incluído no final do códice nº2Ø57 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo que contém,

---

7 António J. Dias Dinis. *Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*. Vol.I Introdução à *Crónica dos Feitos de Guiné*. Lisboa. Agência Geral das Colónias, 1949, p.181.

8 A referência é de Dias Dinis na o.cit.,p.82. Em Esteves Pereira aparece referenciado s/nº.

9 O.cit.,pp.184-193. A este autor pertencem, portanto, as referências que apresentamos a seguir.

como o anterior, a *Crónica de D.João I.* e também com foliação independente. Do séc.XVII. Incompleto. O "Prólogo", muito diferente do dos outros manuscritos, é bastante reduzido, parecendo representar uma redução dos Capítulos I e II, que são depois omitidos quase na totalidade, avançando os restantes duas unidades.

Ms. incluído no final do códice nº1975 do Arquivo da Casa Cadaval, em Muge, que contém a II parte da *Crónica de D.João I.* A foliação é seguida à daquela. Do séc.XVII.

Ms. nº82Ø da Biblioteca Nacional de Madrid. Do séc.XVII ou XVIII. Esteves Pereira não o conhecia mas sabia da sua possível existência.

Em 1985 Josiah H. Blackmore, em artigo publicado no *Boletim de Filologia*,[1Ø] dá notícia de um outro manuscrito que assim vem juntar-se à lista de Dias Dinis (que aquele autor, aliás, não lembra, limitando-se a fazer referência à relação de manuscritos apresentada por Esteves Pereira em 1916). De acordo com as informações fornecidas por Blackmore no citado artigo, o códice encontra-se actualmente na Houghton Library of Harvard University, com o nº de catálogo f.Ms.Port.21., tendo sido adquirido por aquela Biblioteca em 1973, data antes da qual não é conhecida a sua localização. De fins do séc.XV ou princípios do XVI. A partir da sua descrição codicológica e, particularmente, da foliação, conclui Blackmore ter resultado este códice da junção de dois manuscritos anteriormente separados.

1Ø "A new manuscript of the *Crónica da Tomada de Ceuta*". *Boletim de Filologia*. XXX. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 1985, pp.47-54.

Edições:

[1644] *Chronica del-Rey D.João I, de boa memoria e dos Reys de Portugal o decimo. Terceira parte em que se contem a tomada de Ceita.* Composta por Gomez Eannes de Azurara. Lisboa. À custa de António Álvares, 1644.

Impressa na "liguagem antiga". Não indica o manuscrito ou manuscritos em que se baseou.

[1899-1900] *Terceira parte da Crónica de D.João I.* Composta por Gomes Eanes de Azurara. Com ortografia modernizada, por Luciano Cordeiro e Melo de Azevedo. Lisboa. Biblioteca dos Clássicos Portugueses. 1899-1900.

Edição feita sobre a primeira, de que actualiza a ortografia.

[1916] *Crónica da Tomada de Ceuta por el Rei D.João I.* Composta por Gomes Eanes de Zurara. Publicada por ordem da Academia das Sciências de Lisboa, segundo os Manuscritos Nºs 368 e 355 do Arquivo Nacional por Francisco Maria Esteves Pereira. Lisboa. Academia das Sciências de Lisboa, 1916.

Tem uma extensa Introdução que inclui, além de desenvolvida exposição sobre a vida e obras de Zurara, a já aqui citada enumeração e descrição dos manuscritos conhecidos do autor, descrição das anteriores edições da obra, e ainda uma caracterização linguística do manuscrito 368, particularmente no aspecto gráfico. Em apêndice, Esteves Pereira transcreve alguns documentos da autoria de Zurara.

Na edição são utilizados como base os dois manuscritos mais antigos do ANTT, nºs 368 e 355, o primeiro dos quais com lacunas numerosas completadas pelo segundo, e anotadas as variantes dos manuscritos da BNL nºs 391 (séc.XVI) e 385 (séc.XVII) e 3238 do Museu Etnológico de Lisboa. Não são explicitados os critérios usados na transcrição, que parece conservar no essencial

as particularidades gráficas dos mss. e a sua pontuação, desenvolvendo porém as abreviaturas sem indicação especial e normalizando o uso das maiúsculas para os nomes próprios.

Crónica do Conde D.Pedro de Meneses

Redigida originalmente entre 1458 e 1463, narra os acontecimentos ocorridos em Ceuta, desde a sua conquista, em 1415, até 1437, sendo D.Pedro de Meneses capitão daquela cidade.

Manuscritos:

Em 1949 Dias Dinis[11] apresenta uma relação de seis mss. desta crónica:[12]

Ms. nº439 da Biblioteca da Universidade de Coimbra. De fins do séc.XV ou princípios do XVI. Segundo Correia da Serra, que nele se baseou na sua edição[13], "Pertenceo à Casa de Tavora e faz agora parte da rica Collecção de Mss. do Illustrissimo e Reverendissimo Monsenhor Hasse."

Ms. nº2428 da Biblioteca Nacional de Madrid. Do séc.XVII. No final do códice o "Treslado de hũa declaração *que* esta no fim da Chronica do Conde D.Pedro" diz ter sido copiado de códice em que o *explicit*, ali reproduzido, bem como no exemplar da Academia das Ciências, indica tratar-se de cópia feita por João Gomçalves e concluída em Lisboa em 147Ø. *Explicit* idêntico tem o códice de Paris da *Crónica da Guiné*, como veremos.[14]

---

11 o.cit.,pp.225-233.

12 Na introdução da edição de 1792, que adiante referiremos, Correia da Serra, refere-se ao ms. em que se baseou como "o mais antigo dos poucos exemplares Mss. que dela conhecemos" (p.211). Não podemos, pois, saber quais os outros códices desta crónica então conhecidos.

13 o.cit.,p.211.

14 A um outro ms. da *Crónica do Conde D.Pedro de Meneses*, do séc.XVII, com *explicit* também seme-

Ms. nº8Ø4 do Arquivo da Casa Cadaval. em Muge. Do séc.XVII.

Ms. nº946 do Arquivo da Casa Cadaval, em Muge. Do séc.XVII. Muito incompleto, por dele terem sido rasgadas algumas folhas: faltam os últimos 24 caps. do Livro I, e do Livro II conservam-se apenas os 1Ø primeiros.

Ms. nº844 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVII.

Ms. nº37Ø (vermelho) da Academia das Ciências de Lisboa. Do séc.XVIII. Numeração diferente dos caps. do Livro I. *Explicit* idêntico ao do ms. da Biblioteca Nacional de Madrid.

Em 196Ø Dias Dinis nos *Monumenta Henricina* (Vol.II (1411-1421).Coimbra. Comemorações do V Centenário da morte do Infante D.Henrique) ao transcrever várias passagens desta crónica, cita um outro ms., não incluído na relação acima resumida. Trata-se do ms.B.99 da Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa, do séc.XVI.

Edições:

[1792] *Chronica do Conde D.Pedro de Menezes*, escrita por Gomes Eannes de Zurara Chronista Mór de Portugal, e Guarda Mór da Torre do Tombo. Na *Collecção de Livros Inéditos de História Portugueza*. Publicados de ordem da Academia Real das Sciências de Lisboa por José Corrêa da Serra. Tomo II. Lisboa, 1792.

Precede o texto uma "Introducção às Chronicas de Gomes Eannes de Zurara" (pp.2Ø7-212) com sumária biografia do autor e relação das suas obras (as três conhecidas na época), indicando-se os mss. que serviram de base às transcrições

---

lhante se referem R.Beazley e E.Prestage. *The life and Writings of Azurara*. Londres, 1896.(segundo Dias Dinis, o.cit.,p.227). Este códice, segundo aqueles autores, teria sido oferecido à venda em Londres em 1895.

das duas crónicas dos Meneses. Para a de D.Pedro, como já referimos, utilizou-se o códice actualmente na Biblioteca da Universidade de Coimbra, cuja grafia foi adaptada nalguns aspectos aos hábitos de escrita do séc.XVIII. Tal adaptação, não explicitada pelo editor, não é sistemática, tornando-se por isso difícil de definir sem uma análise exaustiva das variantes do impresso relativamente ao ms. Do confronto que fizemos, pudemos apurar que as alteraçoes introduzidas se traduzem essencialmente por uma tentativa de adaptação na representação: da nasalidade das vogais, das terminação nasal /ãw/, das sibilantes surda e sonora, de algumas terminações verbais. Muitas formas características da língua do séc.XV foram também alteradas (<pessuir> para <possuir>; <fremosura> para <formosura>; <despois> para <depois>; <propio> para <proprio>; <asconder> para <esconder>; <estormento> para <estromento>; <desemparo> para <desamparo>, etc.) e regularizado o acordo do pronome pessoal <lhe> com o seu antecedente. Introduziu-se pontuação abundante e regularizou-se o uso das maiúsculas. A leitura parece de um modo geral bastante cuidadosa, embora com algumas omissões, não muito frequentes, sem dúvida devidas a falhas na revisão e impressão.

Em 1988 publicou-se reprodução facsimilada desta edição com "Nota de apresentação" por José Adriano de Freitas Carvalho, Porto. Programa Nacional de Edições Comemorativas dos Descobrimentos Portugueses.

Na "Nota de apresentação" (pp.VII-XII) fazem-se algumas considerações sobre o "...estado editorial da Literatura portuguesa do séc.XV..." que se considera ter ainda muitas lacunas. Citando embora Freitas Carvalho o Prefácio de Oliveira Marques à edição de Larry King

da *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*[15] em que aquele historiador afirma "Não se compreende que continuem a existir, como únicas, edições incorrectas, feitas no séc.XVIII...", considera, afinal, "...preferível tornar universitariamente acessível um texto de indiscutível importância e oportunidade a continuar a esperar por essa lição mais correcta ou 'absolutamente' correcta...", justificando desta forma a realização da edição facsimilada.

Crónica do Conde D.Duarte de Meneses

A sua redacção original terá sido terminada em 1468. Na sequência da anterior, é uma narrativa das guerras no norte de Africa, de 1437 até 1464, centrada na figura de D.Duarte, fronteiro de Alcácer Ceguer.

Manuscritos:

Em todos os manuscritos hoje conhecidos o texto da crónica está incompleto, faltando do número total original de 156 caps., 38 ou 39 completos e partes de outros 22. Também em todos os códices há cópias de duas cartas: uma, que antecede o texto, de Afonso V a Zurara, e outra, no final, em que D.Duarte é elevado a Conde de Viana. A primeira referência a códices desta obra encontra-se na já aqui citada "Introducção às Chronicas de Gomes Eannes de Zurara" de Correia da Serra (pp.211-212) onde são referidos três, mas identificado apenas o que foi seguido na transcrição (incluída no vol.III dos *Inéditos*, que adiante referenciaremos) "...hum mui estimavel Ms., o único antigo existente, o qual se acha em poder do Excellentissimo Conde de S.Lourenço Dom João de Noronha." Deste códice não há hoje notícia. Em 1896 E.Prestage e

15 o.cit.,p.17.

R.Beazley[16] dão notícia de seis mss., registando, porém, apenas a cota do nº52Ø do ANTT. A relação dos sete mss. desta crónica hoje conhecidos, que a seguir apresentamos, é, mais uma vez ,a dada por Dias Dinis em 1949[17]:

Ms. nº52Ø do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. De fins do séc.XV, sendo os três primeiros fólios e os dois últimos, em que se copiaram as referidas cartas, posteriores, de fins do séc.XVI. Falta de vários cadernos. Algumas folhas em branco no lugar das lacunas. Dias Dinis dedicou-lhe interessante estudo que adiante referiremos.

Ms. nº9165 da Biblioteca Nacional de Lisboa. De fins do séc.XV ou princípios do XVI.

Ms. nº416 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVII.

Ms. nº595 do Arquivo Nacional da Torre do Tombo. Do séc.XVIII.

Ms. nº1732(preto) da Academia das Ciências de Lisboa. Autógrafo de José Correia da Serra, constituindo cópia para uso na tipografia a partir da qual se imprimiu a edição de 1793, como se pode concluir das notas nele inscritas, datadas de Setembro de 179Ø.

Ms. nº657 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVIII. A carta final está incompleta.

Ms. nº8Ø3 da Biblioteca Nacional de Lisboa. Do séc.XVIII. Constitui o Vol.VI de *Miscelaneas Curiosas*.

Edições:

[1793] *Chronica do Conde D.Duarte de Menezes*, escrita por Gomes Eannes de Zurara Chronista Mór de Portugal, e Guarda Mór da Torre do Tombo. Na *Collecção de Livros Inéditos de*

16 *The life and Writings of Azurara*. Londres, 1896.(segundo Dias Dinis, o.cit.,p.233)
17 o.cit.,pp.233-24Ø.

História Portugueza. Publicados de ordem da Academia Real das Sciências de Lisboa por José Corrêa da Serra. Tomo III. Lisboa, 1793.

Do ms. seguido na edição (indicado na "Introdução..." no Tomo II, p.211) com as lacunas dos que hoje se conservam, não há, como referimos, hoje notícia[18]. A grafia terá sido adaptada como para a transcrição da *Crónica do Conde D.Pedro de Meneses*. O Índice (p.377) refere por lapso Rui de Pina em vez de Zurara como autor da crónica.

[1948] António J. Dias Dinis. "Capítulo inédito da *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*. *Biblos*.XXIV. 1948.

Neste artigo, publicado pouco antes da "Introdução" à *Crónica dos Feitos de Guiné* do mesmo autor, transcreve Dias Dinis o cap.77 da crónica, conservado apenas no códice 52Ø do ANTT, de fins do séc.XV, e portanto até aí inédito. Na transcrição conserva-se a ortografia e pontuação do manuscrito, desenvolvem-se as abreviaturas em itálico, e são "desfeitas as junções indevidas de palavras".

Contém ainda este estudo uma relação dos mss. da crónica e descrição detalhada dos do ANTT e BNL (52Ø e 9165, respectivamente) únicos que "merecem atenção pela sua antiguidade, integridade relativa e valor do texto". A partir da descrição do primeiro chega-se a importantes conclusões: o ms. era originalmente completo, dadas as chamadas que se encontram ao longo do texto, mas estaria já truncado à data da encadernação, em fins do séc.XVI; é o único que conserva o cap.77; não foi censurado, ao contrário do ms. editado por Correia da Serra, hoje

---

18 Dias Dinis no seu artigo "Capítulo inédito da *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*. *Biblos*. XXIV, 1948. mostrou que este ms. não pode ser identificado com nenhum dos hoje conhecidos.

desaparecido; todas as lacunas do texto transmitido nos vários códices foram motivadas pelo desaparecimento dos cadernos deste ms., às quais se juntaram outras: perda do cap.77, intervenção da censura. Terá, pois, talvez, existido, segundo Dias Dinis, outro códice antigo (anterior ainda ao do Conde de S.Lourenço consultado por Correia da Serra) já com as mutilações deste e sem o cap.77, que serviu de modelo aos restantes. Aventa-se ainda a hipótese de a assinatura "Diogo glz", visível num dos fólios, ser autêntica, permitindo uma identificação com indivíduo do mesmo nome, citado em vários documentos da época como escrivão dos livros de Afonso V, o que levaria a considerar possível ter o dito escrivão concluído a sua cópia quando Zurara terminou o seu trabalho em 1468, ou pouco depois.

[1978] Gomes Eanes de Zurara. *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*. Edição diplomática de Larry King. Lisboa. Universida Nova de Lisboa. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1978.

Inclui um Prefácio de Oliveira Marques. A Introdução contém apontamentos de ordem histriográfica e literária com um enquadramento geral da obra de Zurara no séc.XV, além de apreciações várias sobre o "valor" desta. Faz-se também uma análise do texto em termos do seu conteúdo, encadeamento cronológico da narrativa, estrutura, fontes, etc.

A edição foi feita sobre o "...manuscrito mais antigo e melhor conservado - ANTT 52Ø" de que é referida apenas a data aproximada, número de folhas e a adição, no séc.XVI, das cópias das duas cartas já citadas.[19] Quanto à transcrição

19 Segundo Dias Dinis, art.cit.,p.45Ø, também a "portada" é do séc.XVI, o que L.King não refere aqui ou quando a transcreve. Embora haja remissão de L.King para o artigo citado, que, como

diz-se ter conservado " com o maior rigor a ortografia do manuscrito", apontando-se as excepçoes a este critério geral: ‹ſ› foi transcrito por ‹s›; desenvolveram-se as abreviaturas (em itálico) à excepção do "til e outros sinais frequentemente usados no texto para denotar abreviaturas " que "foram mantidos na transcrição somente quando usados para indicar um verdadeiro som vogal-nasal (por exemplo ´pãaes´)". Desta formulação, do ponto de vista linguístico bastante ambígua, deduz-se que, nos restantes casos, não definidos pelo editor, o sinal é desenvolvido por ‹m› ou ‹n› seguindo a norma actual, como pudemos confirmar numa breve análise da transcrição, confrontando-a com as passagens transcritas por Dias Dinis que não desenvolve as abreviaturas. Além disso, o editor assinala com "[sic]" grafias do manuscrito como ‹en›, ‹non› (p.43), ‹con› (p.51), ou ‹macebo›, ‹seguite› (p.159), mas não ‹boo› (p.6Ø), conservando ‹lã› "lá" sem qualquer chamada de atenção. Por outro lado ‹hũa› aparece desenvolvido ‹huma›, em desacordo com o que sabemos da pronúncia da época[2Ø], pelo que pareceria neste caso mais apropriado ter-se conservado o til, como aconteceu em muitos outros casos (‹fizeraõ›, ‹foraõ›, ‹vĩjr›, etc.). Aparecem também assinaladas "[sic]" grafias em

---

vimos, reúne importantes dados sobre o ms., agora transcrito pela primeira vez na sua totalidade, teria sido talvez útil incluir nesta introdução pelo menos um resumo das suas conclusoes, até porque estas, acrescentando à antiguidade e boa conservação, apontadas por L.King, outras características do códice não menos importantes, viriam justificar mais claramente a sua escolha para objecto da edição.

2Ø v., por exemplo, Paul Teyssier. *História da Língua Portuguesa* (Trad.port.) Lisboa. Sá da Costa, 1982, p.45.

que na norma acual faltaria a cedilha como <conheco> (p.43). Não é referido na introdução o critério seguido para a divisão das palavras. Nuns casos (como <delRey> p.44) conservou-se a do manuscrito, mas noutros separaram-se formas originalmente unidas (<guardamoor> passou a <guarda moor> p.41), segundo observámos nas breves passagens confrontadas. Quanto à pontuação, o editor usou o ponto para transcrever os pontos e/ou barras usadas no manuscrito, segundo refere, mencionando ainda a irregularidade no uso das maiúsculas, que conservou na transcrição. Esta não vem acompanhada de quaisquer notas, acrescentando-se ao texto apenas a foliação, omissa no manuscrito, entre [], bem como as referidas indicaçoes [sic] usadas em contextos nem sempre óbvios, como vimos.

Em nossa opinião, o ponto 3 desta Introdução "Observaçõ̃es sobre esta edição" beneficiaria bastante de uma definição mais explícita e detalhada dos critérios e normas usados na transcrição.

Crónica da Guiné

Unica crónica conhecida de Zurara que não trata da ocupação portuguesa do norte de África é esta, sem dúvida, a obra do cronista que maior atenção tem merecido, não apenas aos editores, mas também a historiadores e críticos literários. Não retomaremos aqui a polémica que esta obra tem levantado e as apreciaçõ̃es várias que dela têm sido feitas[21]. Nela se trata dos

21 Há muitos estudos consagrados aos diversos problemas suscitados por esta crónica, cujas referências bibliográficas podem ser encontradas no fim das partes citadas (nas notas 1 e 2) da *História da Literatura Portuguesa* e *Dicionário de Literatura*. Aqui lembraremos apenas um dos mais recentes que se encontra na "Introdução" (pp.363-417) da *Crónica dos feitos notáveis que*

feitos dos portugueses na costa da Guiné e ilhas do Atlântico sob a direcção do Infante D.Henrique, sendo o que podemos considerar uma primeira parte do texto constituída por um longo panegírico de D.Henrique. Embora a autoria integral da obra que chegou até nós tenha chegado a ser posta em causa, assumiremos aqui que o texto hoje conservado é, como crê Lindley Cintra[22], resultado de uma refundição feita pelo próprio cronista, provavelmente no fim da sua carreira, de uma obra originalmente redigida entre 1452-1453, isto é, antes da redacção das duas crónicas dos Meneses.

Manuscritos:

Embora se soubesse da existência desta crónica através de referências nas obras de outros autores (como João de Barros), só em 1839 foi encontrado o códice de Paris, e a partir de 1847 dado conhecimento dos restantes. São quatro os manuscritos hoje conhecidos:[23]

Ms. nº42 dos "Manuscrits portugais" da Biblioteca Nacional de Paris. De fins do séc.XV ou princípios do XVI. Três mãos diferentes. Encadernação moderna.

Cópia incluída no chamado "Manuscrito Valentim Fernandes", no *Codex Monacensis Hispanicus*,

---

se passaram na conquista da Guiné por Gomes Eanes de Zurara. Introdução e notas de Torquato de Sousa Soares. Lisboa. Academia Portuguesa de História, 1978.

22 o.cit.,p.1186.

23 As indicações seguintes são de Dias Dinis. *Vida e Obras*...pp.193-225, as mais completas que encontrámos, embora as suas descrições sejam, para os mss. de Paris e Madrid feitas a partir de fotocópias, e para os outros baseadas em estudos anteriores.

ms. nº27 da Bayerische Staats-Bibliothek. Handschriften-Abteilung, de Munique, fls.216r-269r. Trata-se de um resumo da crónica incluído num conjunto de documentos transcritos ou resumidos por Valentim Fernandes Alemão ou de Morávia. De fins do séc.XV ou princípios do XVI. Segundo José de Bragança[24] poderá ser cópia de uma primeira redacção da crónica.

Ms. nº2424 da Biblioteca Nacional de Madrid. Do séc.XVII. Segundo Dias Dinis é cópia do de Paris[25] com variantes em relação a este devidas essencialmente a erros de leitura. (Estas variantes foram anotadas por Dias Dinis, como adiante referiremos).

Codex Hispanum nº1Ø2 da Bayerische Staats--Bibliothek, de Munique. Do séc.XVIII. Constitui também cópia do de Paris (segundo os mesmos autores).

Edições:

[1841] *Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné* pelo Chronista Gomes Eannes de Azurara. Fielmente trasladada do manuscrito original contemporâneo que se conserva na Biblioteca Real de Pariz. Precedida de uma Introducção e illustrada com algumas notas pelo Visconde de Santarém (...) e seguida d'um Glossário das palavras e phrases antiquadas e obsoletas. Pariz. Publicada por J.P. Aillaud, 1841.

O título dado à crónica nesta edição, como foi depois observado, não corresponde aos dizeres que se encontram no códice. Na introdução enaltecem-se os feitos dos descobridores portugueses, e também o autor, cujo estilo e escrúpulo de historiador são elogiados. Sublinha-

---

24 Na Introdução da sua edição de 1973, que adiante referimos, p.LXIX.

25 E também segundo Torquato Sousa Soares na Introdução da edição de 1978, que citámos na nota 21.

-se ainda a importância da descoberta do códice, que é brevemente descrito.

Na transcrição, cuja metodologia não é explicitada, actualizou-se parcialmente a ortografia, e alteraram-se algumas formas que, apesar de correntes nos textos do séc.XV, o editor resolveu modernizar (como <per>, <trauto>, <imigo>, <despois>, <begnino>)[26].

As abundantes notas que acompanham o texto têm o intuito de esclarecer e documentar aspectos vários (históricos, geográficos) relacionados com o seu conteúdo. Contém ainda um glossário de José Inácio Roquete.

[1937] Gomes Eanes da Zurara. *Crónica do Descobrimento e Conquista de Guiné*. Segundo o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris. Modernizada, com notas, glossário e uma introdução de José de Bragança. (2 vols.) Livraria Civilização-Editora, 1937.

A Introdução trata essencialmente questões de natureza histórica e historiográfica ligadas à crónica, apresentadas numa perspectiva crítica.

A edição, embora se deduza do seu título ter sido feita a partir do manuscrito de Paris, deve ter-se baseado apenas na sua edição de 1841, o que está implícito na apresentação da nova edição de 1973 do mesmo autor[27]. O editor não só actualizou a ortografia, mas alterou inclusivamente algumas palavras, consideradas arcaicas, substituindo-as por outras modernas.

---

26 Os exemplos, por maior facilidade, foram recolhidos das indicações dadas por Dias Dinis em nota às "Erratas" da sua edição de 1949, pp.438-439, e aí apresentados como meras "variantes ortográficas".

27 Dias Dinis. *Vida e Obras...*,p.248, observa não terem sido corrigidos os erros e omissões da primeira, facilmente detectáveis no confronto com o manuscrito.

Não são indicados os critérios usados na transcrição. Ao longo do texto encontram-se numerosas notas, umas do Visconde de Santarém, outras de José de Bragança que comentam aquelas, além de anotações várias que pretendem clarificar o conteúdo do texto.

[1940] *O Manuscrito "Valentim Fernandes"*. Publicação de Joaquim Bensaúde. Leitura e revisão das provas de António Baião. Lisboa. Academia Portuguesa de História. Publicações comemorativas do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal, 1940.

A transcrição da *Historya de Guynee*, feita (como para todo o códice) a partir de reprodução fotográfica, ocupa as pp.133-185. Não tem introdução nem notas. Reproduz-se a ortografia do manuscrito, sem desenvolver as abreviaturas. Segundo José de Bragança nas "Considerações preliminares ...", p.LXIX da sua edição de 1973, tem "clamorosos erros de leitura e impressão".

[1949] Gomes Eanes de Zurara. *Crónica dos Feitos de Guiné*. Por António J. Dias Dinis. Vol.II - Texto. Lisboa. Agência Geral das Colónias, 1949.

António J. Dias Dinis. *Vida e Obras de Gomes Eanes de Zurara*. Vol.I - Introdução à *Crónica dos Feitos de Guiné*. Lisboa. Agência Geral das Colónias, 1949.

A edição foi impressa vários anos antes da sua publicação pelo Arquivo Histórico Colonial, com o texto da 1ª edição de 1841, e também com as respectivas notas e glossário. Em 1947 Dias Dinis assumiu a responsabilidade da publicação e aproveitou o texto já impresso, que não foi alterado. Tendo, porém, cotejado o impresso com fotocópia do códice de Paris[28], elaborou

28 E também com o de Madrid, cujas principais variantes são apresentadas no Vol.I,pp.211-222.

"Erratas" que incluiu no fim do volume (pp.437-448) e em que dá conta apenas das "discrepâncias mais importantes", como omissões e palavras mal lidas na edição de 1841 (e também das gralhas do impresso que aproveitou). Não registou, portanto, as "variantes ortográficas", que aliás nem sempre são meramente ortográficas, como se pode ver pelos exemplos apresentados na nota destas Erratas (pp.437-439) dos quais citámos alguns quando falámos da 1ª edição do Visconde de Santarém.

Dias Dinis elaborou depois a introdução que ocupa todo o vol.I, já aqui repetidamente citado. Foi fonte preciosa para o presente trabalho, dado sobretudo o considerável volume de informação que reúne. Particularmente o inventário (quase completo relativamente aos conhecimentos actuais) e descrição (em muitos casos feita a partir de observação directa) dos manuscritos conservados das quatro crónicas de Zurara constituem contribuição que permanece importante,ao menos como ponto de partida, para investigações que se relacionem, de alguma forma, com a transmissão das obras daquele cronista.

[1973] Gomes Eanes de Zurara. *Crónica de Guiné*. Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança. Livraria Civilização-Editora, 1973.

As "Considerações preliminares à presente edição" (pp.LXV-LXXXIV) vêm completar a Introdução da edição anterior do mesmo autor, dando conta de estudos entretanto publicados sobre a crónica. No que diz respeito ao manuscrito de Paris, conclui José de Bragança ser aquele "...uma cópia nem sempre fiel de um original perdido, com interpolações várias posteriores a 1453." Assim, a data de 1453 do *explicit* poderá ser autêntica, reportando-se à primeira redacção da crónica, da qual o resumo incluído no

Manuscrito Valentim Fernandes constituirá, possivelmente, uma cópia.

Numa breve apresentação do livro, no interior da capa, refere-se: "A presente edição melhora a transcrição com cerca de 300 pequenas correcções, confrontado o próprio ms. da B.N. de Paris." confirmando-se, portanto, que o confronto não fora feito para a impressão de 1937. Trata-se claramente de uma edição de divulgação - o seu responsável afirma (p.415) desejar "facultar ao maior número de leitores um texto de história tão raro e tão apreciável" pelo que o editor resolveu actualizar, não só a ortografia do manuscrito, mas a sua linguagem. As modificações introduzidas são de vária ordem, umas explicitamente indicadas (<ca> e <ello> substituem-se por <que> e <isto> ou <isso>, respectivamente) outras mais dificilmente identificáveis, pois José de Bragança afirma apenas "Não poucas vezes rejuvenescemos palavras que na 'Crónica' aparecem ainda num estado indeciso da sua evolução formal ou semântica." O princípio seguido para a actualização das grafias é pouco claro, pois se se afirma "...quisemos conservar os valores fonéticos [da escrita] na medida em que nos pareceu que não era prejudicada a clareza do sentido.", modernizaram-se formas como "assy", "nom", "Iffante" (além de muitas outras não referidas) e ainda "algumas terminaçoes verbais fixadas na língua desde há muito". Não parece , pois, tratar-se apenas de "clarificar" o sentido do texto, mas, efectivamente, de adaptá-lo às normas actuais, o que pode ser válido dados os objectivos da edição, mas necessitaria, em nosso entender, de uma definição mais clara e exaustiva dos critérios seguidos.

No fim do volume apresenta-se um glossário, em que se aproveitou parcialmente o de Roquete feito para a primeira edição.

[1978] *Crónica dos feitos notáveis que se passaram na conquista da Guiné por mandado do Infante D.Henrique*, por Gomes Eanes de Zurara. [Transcrita sob a direcção de João Franco Machado.] Introdução e notas de Torquato de Sousa Soares. (2 vols.) Lisboa. Academia Portuguesa de História, 1978.

Cada volume contém uma edição diferente do texto da crónica, que trataremos separadamente:

Volume I:

A Introdução, no final do volume, apresenta uma relação dos manuscritos da crónica e breve descrição do de Paris. Aqui se retoma também, de forma bastante desenvolvida, a discussão sobre a data de redacção da versão da *Crónica da Guiné* contida neste códice. A este propósito defende Torquato de Sousa Soares claramente a posição de que o manuscrito de Paris não transmite duas obras inicialmente independentes (como era opinião, entre outros, de Dias Dinis) mas sim uma refundição, feita por Zurara depois da morte do Infante, sobre um texto de que a *Historya de Guynee*, incluída no *Manuscrito Valentim Fernandes*, poderá representar uma cópia, embora resumida.[29]

Esta edição, que estaria há muito concluída segundo se afirma no Prólogo, é a única desta crónica que, baseando-se no manuscrito de Paris, o confronta com os de Munique e Madrid, cujas variantes, além das das edições do Visconde de Santarém[30] e José de Bragança[31], são anotadas.

---

29 Esta opinião de T.S.Soares é de certo modo coincidente com a de José de Bragança (na p.LXXXIV da sua edição de 1973) expressa embora em termos diferentes.

30 A cit. ed. de 1841.

31 Trata-se da edição de 1937, e não da de 1973, o que talvez se deva ao facto de a presente edição da Academia Portuguesa de História ter

Quanto às normas usadas na transcrição, apenas se diz ser esta "rigorosamente diplomática". Desenvolveram-se as abreviaturas sem indicação especial, conservando-se porém o til. As letras ou palavras em falta foram restituídas pelo editor entre ⟨ ⟩. Em tudo o mais é conservada a grafia do manuscrito, reproduzindo-se também a sua pontuação.

Volume II:

É uma versão completamente actualizada do texto, cujo objectivo terá sido, como se diz no Prólogo do Vol.I, "facilitar a compreensão do texto primitivo". Modernizou-se a ortografia, completamente de acordo com a norma actual, e introduziu-se pontuação. Alteraram-se também muitas formas substituindo-as por outras modernas, indicando-se por vezes (provavelmente quando a alteração foi sentida pelo editor como mais importante) em nota, as do original, por exemplo: ‹por isso› em vez de ‹porem›; ‹pois› por ‹ca›; ‹conveniente› por ‹convinhavel›; ‹liberalidade› por ‹liberaleza›; ‹pai› por ‹padre›). Não são, porém, indicadas alterações como: ‹por› por ‹per›; ‹entre› por ‹antre›; ‹nascimento› por ‹nacimento›. Indica-se ainda em nota o "sentido" de palavras e expressões hoje com significados diferentes ou em desuso.

Esta versão actualizada, embora apresentada como complemento da edição diplomática do Vol.I, necessitaria, apesar disso, de uma enunciação dos critérios seguidos na modernização do texto.

A partir apenas da breve análise que fizemos, não pretendendo, portanto (o que não cabe no âmbito deste trabalho) avaliar estas duas edições, parece-nos constituir o seu conjunto importante contributo, no campo editorial, para um melhor conhecimento e mais larga divulgação desta crónica de Zurara - e mesmo um significa-

---

sido concluída, segundo se afirma no Prólogo, muito antes da sua publicação.

tivo avanço dentro da transmissão impressa de todas as obras do cronista. Assinalaremos aqui apenas, mais uma vez, a falta de descrições claras e pormenorizadas dos critérios e métodos seguidos.

[1989] Gomes Eanes de Zurara. *Crónica do Descobrimento e Conquista da Guiné*. Nota introdutória, actualização de texto e notas de Reis Brasil. Lisboa. Publicações Europa-América. Colecção "A aventura portuguesa", 1989.

A nota introdutória inclui alguns apontamentos sobre a vida e obras de Zurara, salientando-se a importância da *Crónica da Guiné*, sobre a qual são dadas algumas informações quanto ao conteúdo, descobrimento do códice de Paris, etc. Relativamente à data de redacção da crónica refere-se apenas "Zurara terminou esta crónica em 1448.", sem outros comentários sobre a tão discutida questão da refundição (ou fusão de duas obras diferentes) posterior àquela data.

Apresenta-se uma relação dos manuscritos conhecidos da crónica, dos quais se diz seguir o de Paris: "Seguimos este integralmente, porque os outros são muito inferiores e não apresentam nada digno de nota."(p.14). Apenas se refere nesta Introdução a primeira edição de 1841. As restantes, embora referidas no final do livro na bibliografia[32], não merecem aqui qualquer comentário. Mas a do Visconde de Santarém é, não só várias vezes citada, mas indicada como "...edição que aqui seguimos escrupulosamente..."(p.14). De facto parece que a edição de Reis Brasil foi feita com base, não no manuscrito de Paris, como é afirmado na passagem

32 De José de Bragança é indicada apenas a edição de 1937. A da Agência Geral das Colónias, de 1949, não é citada, referindo-se apenas o Vol.I (que contém a Introdução) na parte da bibliografia consagrada aos "Estudos".

anteriormente citada, mas na sua transcrição feita em 1841. Embora não tenhamos confrontado esta recente edição com o códice, pudemos confirmar esta conclusão comparando o texto dado por Brasil com o de 1978, da Academia Portuguesa de História (onde são anotadas as variantes e omissões do texto da edição de 1841) e também com as "Erratas" de Dias Dinis da edição de 1949. Reis Brasil não terá cotejado o texto da edição em que se baseou com o manuscrito de Paris, conservando por isso vários erros e omissoes daquela[33].

Na "Metodologia seguida" (p.15) referem-se os critérios usados na transcrição, que se centra numa actualização ortográfica, não havendo alterações lexicais ou sintácticas, segundo se afirma[34]. Fazem-se ainda repetidas referências às anotações que acompanham o texto, que pretendem ajudar o leitor a decifrar o sentido de palavras ou expressões hoje em desuso. Com efeito, tais notas são muito abundantes, como aliás compete a uma edição que, como esta, visa uma larga difusão do texto[35], parecendo mesmo por vezes excessivas e até redundantes. Antes do texto da crónica reproduz-se a Introdução do

---

33 Anotámos apenas alguns exemplos (os lugares correspondem à edição de 1989 e as correcções foram recolhidas nas duas fontes citadas): <toda a > p.35,l.23, em vez de <toda>; omite <a elle> p.36,l.22 e <sempre> p.37,l.15; <regra> p.37,l.5, em vez de <regna>; <proveito do > p.39,l.5, em vez de <proueitoso> p.39,l.5.

34 Note-se, porém, que a primeira edição, em que esta se baseia, introduzira já alterações não exclusivamente ortográficas.

35 Reis Brasil afirma mesmo (p.16) "Graças a esta nova metodologia, os leitores de hoje, no mundo inteiro, terão possibilidade de se familiarizar com este documento..."

Visconde de Santarém à edição de 1841, cujas notas são também reproduzidas ao longo da transcrição.

Da mais recente edição desta controversa obra de Gomes Eanes de Zurara esperaríamos bastante mais, atendendo sobretudo ao facto de ela ter sido já repetidamente transcrita (com objectivos e metodologias diversas) estudada e discutida, e de existir, portanto, sobre ela volumosa soma de informação, à qual esta nova impressão pouco vem acrescentar, a não ser, talvez, uma maior difusão e acessibilidade. Mas o facto de se dirigir esta edição a um público muito vasto deveria antes ter colocado, parece-nos, uma maior exigência de rigor, clareza e objectividade, quer na edição propriamente dita, quer na apresentação dos métodos e critérios seguidos.

Conclusão:

Concluímos aqui esta sintética e, sem dúvida, imperfeita apresentação das edições das crónicas de Gomes Eanes de Zurara. Não podemos concluir com uma avaliação destas edições, que só poderia ser feita através de confrontos e análises bastante mais extensos e detalhados que os que realizámos. Mas percorrendo, como o fizemos, de forma rápida estas edições, quase sempre notámos a falta de explanações completas de princípios, critérios e objectivos, mesmo em edições mais recentes. Tais explanações permitiriam mais facilmente "definir" cada edição relativamente ao público para que foi feita, critérios que seguiu na selecção dos manuscritos, normas que usou na transcrição e, finalmente, objectivos que se propôs atingir, além de, naturalmente, poderem constituir informação e orientação importantes, mesmo indispensáveis, para o leitor.

Conclusão óbvia desta sumária apresentação é a repetição do que já muitas vezes foi dito, de

formas diferentes, sobre as obras de Gomes Eanes de Zurara (e que é hoje particularmente pertinente para a *Crónica da Tomada de Ceuta*, *Crónica do Conde D.Pedro de Meneses* e *Crónica do Conde D.Duarte de Meneses*[36]): são necessárias novas edições "científicas". Com esta definição não pretendemos de forma alguma restringir o "tipo" de edições que julgamos necessário virem a ser realizadas, nem significar que tais edições sejam dirigidas apenas a especialistas. Acreditamos, pelo contrário, que uma edição "de divulgação" deve ser tão "rigorosa", portanto neste sentido tão "científica", como outra visando um público especializado, entendendo-se aqui o rigor como respeito absoluto por critérios e métodos previamente definidos e devidamente justificados.

36 Quanto à primeira não queremos aqui deixar de referir que Josiah Blackmore, no artigo citado de 1985, afirmava estar a preparar uma edição da *Crónica da Tomada de Ceuta*, que, no entanto, não chegou ainda ao nosso conhecimento.